



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM
"A Arte, o Esporte e a Saúde na qualidade de vida"
De 04 a 06 de junho de 2014

12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

REVOLUÇÃO EM DAGENHAM: UM OLHAR SOBRE O “FEMININO”

Alana Morais Vanzela¹
Elizete Conceição Silva²

Ao introduzir a linguagem cinematográfica por meio do Projeto de Extensão A Questão Social, no ambiente de extensão, não se faz apenas uma ponte entre a instituição e comunidade, mas um laço, pois nos inserimos num mesmo contexto, onde os vários sujeitos com particularidades históricas diversas interagem visando a discussão de um mesma temática. Enquanto academia visa-se introduzir questionamentos, crítica de análise social, mas no decorrer da atividade nos vemos em conjunto na busca de compreender a intensa e complexa dinâmica social.

Palavras-chave: DOMINAÇÃO, GENERO, CINEMA.

Área temática: Cultura.

Coordenador(a) do projeto: Profa. Dra. Elizete Conceição Silva, elizetecsilva2007@gmail.com, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá- UEM.

Introdução

O cinema é uma importante ferramenta de problematização do social, tendo em vista a relação cíclica que este mantém com a apresentação da sociedade, com o entendimento e compreensão do fenômeno social. Os filmes acompanham e reproduzem as mudanças do campo social, além de ser uma importante ferramenta de conhecimento sócio-histórico do universo cultural. Tem incutida em um único espaço, diversas formas de linguagem (semiótica) que auxiliam na apreensão da mensagem por parte do espectador, podendo assim leva-lo a questionar não apenas as vivências (re)produzidas pelo filme, mas o seu próprio ser, enquanto sujeito social. Portanto ao reportar-se ao Filme “Revolução em Dagenham” de Nigel Cole, o qual aborda a problemática do trabalho, e a questão de gênero, busca-se inserir um debate sobre os postos de trabalho ocupados pelo sexo feminino e, o próprio espaço como um todo relegado a mulher, visando focar o percurso histórico de dominação de gênero que foi construído e que a medida que a sociedade se modificou ele também se reconfigurou, contribuindo, assim, para a desnaturalização da atual conjuntura.

Materiais e Métodos

Utiliza-se o recurso didático do filme como instrumental facilitador da inserção do debate, produzindo questionamentos posteriores à apresentação, de forma a incentivar ao público a expor às suas percepções sobre a temática e ao próprio filme, de modo a promover uma análise coletiva e crítica das diversas expressões da questão social.

¹ Graduanda em Serviço Social, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá – UEM

² Profa. Doutorada, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá – UEM



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM
"A Arte, o Esporte e a Saúde na qualidade de vida"
De 04 a 06 de junho de 2014

Um olhar Cinematográfica do filme “Revolução em Dagenham”

Tanto mulheres quanto homens são parte de uma mesma raça – a humana, esta que em si reserva legalmente os mesmos direitos, porém a influência cultural e até mesmo religiosa resguarda alguns papéis próprios aos gêneros, estes que não são condicionantes naturais dos sexos, mas sim produto da relação histórica entre homens e mulheres.

“NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro”.
(BEAUVOIR, 1967, p.9)

O antropocentrismo é transformado em androcentrismo. Assim a mulher é concebida dentro da lógica societária como o “OUTRO” aquele que não ocupa o centro das relações sociais. O “OUTRO” é o subordinado. O homem assume o lugar do “EU” soberano, egocêntrico-narcísico que ocupa o espaço central das relações sociais este afasta tudo aquilo que contraria a ocupação da identificação centralista da objetivação de sua subjetividade. Considera-se o “OUTRO”, o externo, alvo do exercício do poder do “EU” soberano (homem), já que não o vendo como semelhante, mas como um EU incompleto, logo, inferior (a mulher resguarda o papel de um “ser incompleto”). Assim o homem não é apenas o positivo e a mulher o negativo como na lógica de oposição POSITIVO/NEGATIVO ele também é aquele que determina esta lógica, ele é positivo e neutro ao mesmo tempo.

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade...A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.
(BEAUVOIR, S., 1970, pp. 9-10)

Assim para a mulher não há mais potencialidades além daquelas que seu papel relegado pelo homem, ou seja, o neutro (que é ao mesmo tempo positivo), lhe determina. Impõe-se regras ao papel social do outro, condicionando e normatizando formas de agir e pensar, tornando os *corpos dóceis*³. Este condicionamento hierárquico de gênero que é legitimado tanto pelo opressor quanto pelo oprimido, por um condicionamento histórico de relação vertical de poder que incide de cima para baixo numa lógica hierárquica de mando e acato de ordem contribui para a lógica de *habitus*⁴ que é perpassado pelas instituições sociais tanto na esfera macro (Escolas, Estado) quanto micro [ambiente familiar (doméstico) e corpo]. Ambos ampliam e, fazem circular esta reprodução que também se reconstrói, conforme a mudanças dos agentes oprimidos e opressores.

Esta relação social desigual estabelece os lugares que os homens e as mulheres ocuparam na lógica social, aos homens são destinados os locais públicos no qual se desenvolve os discursos de legitimação - políticos, econômicos e ideológicos; enquanto a mulher fica resignada aos locais privados - ambientes domésticos. Há um laço místico, que atrela a mulher à natureza, ambas portadoras da fertilidade procriadora, porém, isso não significa que a mulher exerça papel de autoridade

³ FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão, 2009.

⁴ BOURDIEU, P. A dominação Masculina, 2002.



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM
"A Arte, o Esporte e a Saúde na qualidade de vida"
De 04 a 06 de junho de 2014

dentro do ambiente familiar, a passividade que é cultivada culturalmente auxiliando nesta hierarquização social de dominação por parte masculina.

Esta delimitação do poder de dominação nem sempre foi tão clara e eficaz, este movimento de atribuição de atuação privado e público não tinha tanta força nas famílias aristocratas e camponesas dos séculos XVI e XVII, pois ambos os espaços se confundiam devido ao expressivo número de componentes familiares que frequentavam uma mesma casa, chegando a duzentas pessoas, sendo que, homens e mulheres participavam da vida comunitária.

No século XIX e XX o modelo burguês de família, impõe-se com grande força, por influência direta do novo papel exercido pela Igreja e pelo Estado, havendo uma privatização estrutural, ou seja, a valorização da família nuclear. Um novo modelo de produção – Capitalismo –, se impunha e, exigia um novo modelo de indivíduo, este deveria se adaptar ao emergente mercado de trabalho competitivo e individualista. Neste contexto, a família camponesa começa a se desmembrar devido à industrialização, começando a migrar para perto dos modos de produção fabris. Desta nova forma de aglutinação de indivíduos, originam-se as vilas operárias, que vem a desdobrar-se, posteriormente em cidades.

Neste movimento de industrialização, a classe trabalhadora começa a aderir ao modelo familiar burguês. O casamento não valoriza da mesma forma que outrora a satisfação mútua de homens e mulheres, o marido transforma-se na autoridade absoluta, no provedor, ocupando seu lugar no núcleo familiar, ou seja, o centro, assumindo a posição do "EU"; a esposa fica resignada ao papel de afazeres domésticos, cuidados com o lar e filhos. Quando a mulher por alguma circunstância, desempenha um trabalho exterior ao lar, seu salário é entendido como complemento, porém sem ter papel decisivo nos rumos familiares, pois ela é o "OUTRO" o incompleto, não o provedor. As funções mais comuns exercidas por ela, são aquelas vistas como extensão do lar e que se destaca pelo cuidado e delicadeza (professora, costureira, cozinheira).

Com a crescente demanda Industrial a mão de obra feminina passa a ser bastante empregada, não havendo distinção de funções entre homens e mulheres, ambos exerciam os mesmos cargos e eram sujeitos aos mesmos acompanhamentos de produtividade, porém as mulheres recebiam salários inferiores aos dos homens, já que seus salários eram entendidos como complemento da renda familiar.

As mulheres eram sujeitadas a trabalhar em condições insalubres, mesmo em tempo de maternidade e amamentação, o que se materializa em um grande risco à saúde não apenas a mulher, mas à própria criança. A Inglaterra e a França foram os primeiros países, a legislar de forma a regulamentar, proteções para as mulheres. O que deu margem a uma divisão de cunho sexista por fatores biológicos. Apesar desta desvalorização não podemos deixar de ressaltar que o trabalho é um importante mecanismo do projeto libertário da mulher.

O que se pretende não é vitimizar, mas sim desnaturalizar a prática que conduz a opressão. Como salienta Bourdieu (2002, p.20).

... por mais exata que seja a correspondência entre as realidades, ou processos do mundo natural, e os princípios de visão e de divisão que lhes são aplicados, há sempre lugar para uma *luta cognitiva*...A indeterminação parcial de certos objetos autoriza, de fato, interpretações antagônicas, oferecendo aos dominados uma possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica.

O filme *Revolução em Dagenham* do diretor Nigel Cole, retrata o contexto histórico do Reino Unido em 1968, no qual imperava o molde de produção taylorista/fordista que se caracteriza pela gerência e produção em massa para consumo em massa, o



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM
"A Arte, o Esporte e a Saúde na qualidade de vida"
De 04 a 06 de junho de 2014

contingente de operários do sexo masculino era de 50.000 enquanto o era de mulheres 187 (costureiras). Estas mulheres da Ford reivindicam por melhores condições trabalhistas. A principal pauta era o pagamento justo pelas suas atribuições dentro da empresa, visto que o trabalho desempenhado por elas se enquadrava na tabela de salários de operários qualificados, contudo sua qualificação não se materializava em salário.

O processo de reivindicação, se inicia pela formalização de suas reivindicações para o sindicato de categoria, estabelecendo prazos para a gerencia responder às suas reivindicações, caso contrário elas entrariam em greve, o que não foi levado a sério, pois a mulheres não tinham histórico de luta e por isso nunca haviam utilizado o maior instrumento de resistência trabalhista - a greve.

O sindicato da categoria, apresentado no contexto cinematográfico, encontrava se cooptado pela corporação (figura do sindicato pelego), ilustrando o recebimento de benefícios pelo não cumprimento de seu papel embativo. A líder do movimento das mulheres, Rita e sua amiga e companheira de trabalho Connie são chamadas a participar de uma reunião com os líderes do sindicato da categoria, o que fica claro neste momento é que a negociação é feita por homens e para homens, sendo salientado na fala de Connie *"Você não precisa dizer nada os homens é que irão falar"*.

Eles discutiam sobre os problemas delas como se elas não estivessem lá, até que Rita quebra com a convenção social e escancara quais são os problemas, e a posição irreduzível das mulheres, caso não haja cumprimento das pautas - entrariam em greve. Esta posição acaba desembocando em uma paralisação geral da Fábrica Ford, que não mais dispunha de bancos prontos e acabados que eram feitos pelas costureiras, com isso elas demonstram a importância de seu trabalho frente ao conjunto industrial.

Com a transição do modo de produção fordista para o toyotista em meados da década de 70, a divisão sexual do trabalho, vem se metamorfoseando como salienta Antunes (2003 p. 221) *" No Reino Unido, por exemplo, o universo feminino superou, desde 1998, o masculino na composição da força de trabalho"*, havendo uma maior incorporação da força de trabalho feminino em detrimento da masculina, porém, os postos estratégicos (gerencia) continuam predominantemente ocupados por força de trabalho masculina, as mulheres ocupam postos de trabalho de ritmo intenso e rotinizado, executados manualmente. Onde se verifica a incorporação tecnológica, o trabalho feminino acaba sendo precarizado pela sua contratação em locais que o valoriza como trabalho semi ou não qualificado, com regime de contrato temporário ou ainda part-time. Assim apesar da ampliação dos postos de trabalho feminino ainda há muito espaço para a luta no que cerne a equidade de sexos no trabalho.

Discussão de Resultados

Com a participação no debate os espectadores conseguem se enxergar como parte integrante do social. Entendo que as problemáticas abordadas estão conexas com a realidade regional. Estabelece-se um grande ganho, pois as mudanças no imaginário social são um processo, no qual os sujeitos conseguem perceber os mecanismo de dominação social e, que a principal fonte de poder é a sua própria aceitabilidade deste mecanismo. Ao propor uma reforma no pensar pode-se promover uma reforma social de forma ampla.

Conclusões



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM
"A Arte, o Esporte e a Saúde na qualidade de vida"
De 04 a 06 de junho de 2014

A análise cinematográfica exposta é parte de um processo de entendimento no qual, consigo me ver inserida na dinâmica social. Fui alvo da reforma de pensamento, me compreendo como parte integrante deste social, entendo que o debate sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho é apenas um partícula do contexto de desigualdade de sexos, visto que a sua inserção é por vezes precarizada por uma herança cultural devastadora que castra as potencialidades pautando se numa diferença anatômica biológica, que de fato não é o principal ponto que conduz a esta desvalorização da mulher, e sim, por um valor de subalternização, que se faz incidir o poder do EU soberano julgando o OUTRO como o incompleto. Apenas com esta tomada de consciência coletiva, de que a mulher é um ser de direitos, e que, compreenda de forma crítica a atual posição dos gêneros dentro da sociedade, é que podemos pensar em uma mudança social. O filme retrata esta tomada de consciência, na fala de Rita quando seu marido Eddie critica-a por estar fazendo parte da greve na Fábrica e ela responde "*direitos não são privilégios*". O empoderamento feminino não é apenas um direito, mas um dever, na busca pela desarticulação da atual conjuntura sexista que esta posta, mas não é imutável.

Referências

BOURDIEU, Pierre, **A dominação masculina**/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner-2º ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BEAUVOIR, Simone, **O segundo Sexo: Mitos e Fatos**/ Simone de Beauvoir; tradução Sergio Milliet, 4º ed., São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967

BEAUVOIR, Simone, **O segundo Sexo II : A experiência vivida**/ Simone de Beauvoir; tradução Sergio Milliet, 2º ed., São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

MORIN, Edgar, A noção de sujeito, In: **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**/ Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina.-18º ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARVEY, David, A transformação Política Econômica do Capitalismo do Final do século XX, IN: **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**, tradução Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves- 22ºed. - São Paulo: Edições Loyola, 2012

BITENCOURT, Henrique Vicente. **Corpo da mulher: Uma história de violência**/ Henrique Vicentine de Bitencourt, Lages: Papervest, 2004

MORIN, Edgar. **Cinema ou o Homem imaginário**. Relógio D' Água Editores, 1997.

ANTUNES, Ricardo, A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado das ações coletivas, IN: RAMALHO, José Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio (orgs). **Além da Fábrica**. São Paulo: Boitempo, 2003

COLE, N. **Revolução em Dagenham**. [Filme-Vídeo]. Produção de Stephen Wooley e Elizabeth Karlsen, direção de Nigel Cole. SONY Pictures Classics, 2010. 113 min. Color. Som.